

A AVALIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

BUHELT, Alcir Frizzera ¹

FERNANDES, Tânia ²

GARDAS, Jair Bevenuto³

GONÇALVES, Valdirene Polassi⁴

SILVA, Elaine Alves⁵

SILVA, Eliane Aparecida Rocha⁶

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a forma como é realizado a avaliação em sala e identificar os tratamentos dados aos erros pelos professores e a postura que os mesmos adotam para a realização da prática pedagógica. Este estudo demonstrou-se de suma importância, onde buscou enfatizar a visão construtivista, onde o professor apresenta-se como um mediador, responsável em buscar métodos que proporcione aos alunos uma maneira melhor para que desenvolvam suas habilidades, juntamente trouxe contribuições acerca do erro na avaliação escolar. A pesquisa foi construída de acordo com a abordagem qualitativa, realizada através de um questionário aberto, aplicado aos professores do ensino fundamental de uma escola pública do município de Juara. Tendo como foco de investigação a concepção e prática do professor em relação ao processo avaliativo. O presente trabalho ressalta como principais aportes teóricos Luckesi (2005), precursor da teoria construtivista educacional, fazendo assim uma análise ampla e crítica acerca da posição do professor diante do erro da criança, porém sem descartarmos a contribuição de outros autores renomados, como Hoffman (2006), Demo (2002), Bloom (1975), Perrenoud (1999), entre outros, que nos trazem suas contribuições acerca da avaliação escolar, como através desta os alunos possam construir seu conhecimento e contribuindo com o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: avaliação da aprendizagem, erro, construtivismo

¹ Acadêmico cursando Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso. Email: Alcir_buchelt_327@hotmail.com

² Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: thania_fernandes@hotmail.com

³ Técnico Administrativo Educacional na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes. Email:plataquemada_gardas@yahoo.com.br

⁴ Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: valdirene155@hotmail.com

⁵ Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: elhany-a@hotmail.com

⁶ Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email:elianeapsrocha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem é uma rede de conhecimentos que todo ser humano pode desencadear no decorrer da vida, logo necessita de meios propícios para direcionar melhor esse caminho. Nessa perspectiva a avaliação exerce um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Nos níveis básicos de educação, avaliamos porque queremos conhecer. Com essa intencionalidade essencial, a avaliação educativa pode desempenhar as funções formativas que são chamadas a desempenhar longe de outras intenções menos explícitas, que acabam transformando a avaliação em um instrumento de seleção e de exclusão.

Segundo Freire (1996), “para que o aluno construa seu conhecimento e a sua autonomia, é necessário que ele esteja inserido em um ambiente em que haja intervenções pedagógicas”, ou seja, onde o autoritarismo do educador seja minimizado e onde os indivíduos que se relacionam consideram-se iguais, respeitando-se.

Nessa perspectiva temos de ter na sala de aula, um professor mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento, ou seja, entre o aluno e aprendizagem. Trabalhando de forma que, a partir dos conteúdos, dos conhecimentos apropriados pelos alunos, eles possam compreender a realidade, atuar na sociedade e transformá-la. Assim o conhecimento para o professor deixa de ter um caráter estático e passa a ter um caráter significativo para o aluno.

Precisamos conceber e praticar a avaliação como outra forma de aprender, de ter acesso ao conhecimento, e como uma oportunidade a mais de aprender e de continuar aprendendo. Precisamos transformá-la em um meio pelo qual os sujeitos que aprendem expressam seu saber acumulado integrado habitualmente aos modos de raciocinar e de agir em um estado de formação.[...] (MÉNDEZ, 2002, p.82).

Diante dessas considerações a escolha desse objeto de estudo Avaliação da Aprendizagem Escolar, surgiu devido uma inquietação a respeito da forma que a avaliação vem sendo entendida e aplicada em sala de aula. Sabemos que estamos sendo avaliados constantemente, queremos com esse projeto

compreender quais são os critérios avaliativos que os professores utilizam na prática em sala de aula.

Pois, a sala de aula existe em função de seus alunos, e cabe a nós, educadores, refletir se realmente respeitamos os alunos em relação ao acesso ao conhecimento e se consideramos quem são eles, de onde vieram, em que contexto vivem entre outros fatores.

Essas questões precisam ser discutidas a partir do desejo e a necessidade de construirmos uma escola em que o aluno tenha acesso aos bens culturais, ao conhecimento produzido historicamente, e possa adquirir habilidades para transformar esses conteúdos no contexto social.

1.0 ERRO E A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

A visão culposa do erro, na prática escolar, tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tornando a avaliação como suporte da decisão. Todavia, uma visão sadia do erro possibilita sua utilização de forma construtiva.

As condutas dos alunos consideradas como erros tem dado margem, na sua prática escolar, tanto no passado como no presente, às mais variadas formas de castigo por parte do professor, indo desde as mais visíveis até as mais sutis. À medida que se avançou no tempo, os castigos escolares foram perdendo o seu caráter de agressão física, tornando-se mais tênues, mas não desprovidos de violência.

Segundo Luckesi (2005, p. 125),

No passado, em nossa prática escolar, castigava-se fisicamente. No Sul do país, era comum um professor utilizar-se da régua escolar para bater num aluno que não respondesse com adequação às suas perguntas sobre uma lição qualquer. No Nordeste brasileiro, esta mesma prática era efetivada por meio da palmatória, instrumento de castigo com o qual o professor batia na palma da mão dos alunos. A quantidade de palmadas dependia do juízo desse professor sobre a possível gravidade do erro. O castigo físico, em outras vezes, dava-se pela prática de colocar o aluno de joelhos sobre grãos de milho ou de feijão, ou ainda de mandá-lo para frente da classe, voltado para a parede e com os braços abertos. Pequenos martírios. Uma forma intermediária de castigo, entre físico e o moral, era deixar o aluno em pé, durante a aula, enquanto os colegas permaneciam sentados. Neste caso, era castigado fisicamente, pela posição e, moralmente, pelo fato de tornar-se visível a todos os colegas a sua fragilidade. Era a exposição pública do erro.

Hoje essas formas de castigar são raras; porém, o castigo não desapareceu da escola. Ele se manifesta de outras maneiras, que não atinge imediatamente o corpo físico do aluno, mas sua personalidade. Tais como gozação de um aluno que não foi bem, a ameaça de reprovação, os testes relâmpagos para pegá-los de surpresa. É onde o aluno vai sofrer por antecipação.

Muitas vezes, o professor normalmente não está interessado em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu para poder expor publicamente aos colegas sua fragilidade. O professor cria um clima de medo, tensão nos alunos, faz uma pergunta e aquele que souber responder é elogiado, caso contrário é ridicularizado.

Não há porque ser castigado em uma solução que não se deu de forma “bem sucedida”. Mas utiliza-se dela positivamente para avançar na busca da solução pretendida.

De acordo com Luckesi (2005, p.49):

O erro serve de ponto de partida para o avanço, na medida em que identificado e compreendidos. Ocorrendo o insucesso ou o erro, aprendamos a retirar deles os melhores e os mais significativos benefícios, mas não fazamos deles uma trilha necessária de nossas vidas.

Na aprendizagem escolar pode ocorrer o erro na manifestação da conduta aprendida, uma vez que, já se tenha o padrão de conhecimento, das habilidades ou das soluções a serem aprendidas. Os erros da aprendizagem devem ser verificados visando compreender onde erramos e como se deu o mesmo para que seja utilizado como fonte de crescimento. Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, contribuindo para a nossa aprendizagem.

A questão do erro na prática escolar está bastante articulada com a questão da avaliação da aprendizagem. À medida em que foi desvinculando-se com o tempo, tornou-se instrumento de ameaça e disciplinamento e personalidade do educando.

Comenta Aquino (1997, p. 31):

[...] quando assim se desprezam os erros presentes nas concepções infantis, não somente o adulto rebaixa a auto-estima das crianças, levando-as a abandonar seus esforços espontâneos de reflexão, como ele se priva de importante base para suas pretensões educativas. De fato, sendo a inteligência uma organização e o seu desenvolvimento uma constante reorganização, deve-se sempre partir do que a criança sabe ou pensa saber para que aprenda e se desenvolva. Fazer de conta que ela nada pensa, de que ela nada sabe, não somente a humilha como a leva a confundir aquilo que, por conta própria, elaborou com o que lhe é ensinado.

Se nossa conduta fosse a de castigar não teríamos a oportunidade de reorientar, e o aluno não teria a chance de crescer.

O erro, especialmente no caso da aprendizagem, não deve ser fonte de castigo, pois é um suporte para a auto-compreensão, seja pela busca individual, seja pela busca participativa (na medida em que o outro – no caso da escola, o professor – discute com o aluno, apontando-lhe os desvios cometidos em relação ao padrão estabelecido). Assim sendo, o erro não é fonte para castigo, mas suporte para o crescimento.

No construtivismo, o erro é possível, ou até necessário, isto é, faz parte do processo. Por isso, o construtivismo defende que a estrutura, os esquemas, os conceitos, as idéias, são criadas, construídas por um processo de auto-regulação, que significa busca de sintonia, ou seja, se a criança está muito para frente, precisa aprender a vir um pouco para trás. Enfim, regulação refere-se a aspectos do processo, corrigidos ou mantidos, tendo em vista os resultados que se quer alcançar.

O construtivismo enfatiza a importância do erro não como tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem.

A perspectiva construtiva da criança é a da criação, não é a da transmissão, nem a da revelação. Algo não está dado: terá que ser construído. O construtivismo é um processo que não exige rigor ou complacência com o erro (PIAGET apud MACEDO, 1994, p. 64).

Nessa perspectiva a avaliação construtiva não é aquela em que o professor transmite conteúdos aos seus alunos, mas sim a que possibilita meios para que os alunos construam seu conhecimento.

Segundo Hoffman (2003, p.87), "a avaliação tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência essencialmente, da ação corretiva do professor e os enunciados que emite a partir dessas correções".

Muitos educadores atribuem notas, conceitos, estrelinhas, vistos e outras menções nas tarefas dos alunos. É onde começa o sentido discriminatório da avaliação, pois as crianças começam comparar as tarefas entre elas e classificam-se entre mais e menos inteligentes, onde abalam sua auto-estima.

A avaliação deveria servir de suporte para a qualificação do que acontece com educando, onde o educador poderia estar indo em busca de procedimentos para adaptar seu processo didático aos progressos e necessidades de aprendizagem observadas em seus alunos.

A avaliação da aprendizagem é hoje um grande desafio. Segundo Hoffman (2003), alguns professores apontam que o problema da avaliação esta nos alunos, pois são desinteressados, preguiçosos e não se preocupam em aprender, só querem saber da nota que irão tirar a família que não acompanha o filho, entre outras. Alguns pais deixam de assumir seu papel na educação da criança e passam a responsabilidade para o professor, afirmando ser deles o papel de educador.

Algumas vezes ocorre do educador atribuir a culpa ao sistema, dizendo seguir regras da instituição, no entanto muitas mudanças estão ao alcance do docente e da escola.

O educador precisa repensar suas práticas avaliativas, procurando trabalhar com conteúdo mais significativos e uma metodologia mais participativa, realizando trabalho em grupo, proporcionado ao educando a interação, e a partir desta os mesmos refletem sobre seus argumentos, buscam suas idéias, formula conceitos, há uma troca de conhecimento que é de suma importância para a construção da aprendizagem.

Entendemos a dificuldade para mudar a concepção em relação a avaliação, mas também sabemos que ela é de grande importância na aprendizagem, pois através dela o educador percebe se os alunos conseguiram apropriar-se do conhecimento, ou se ainda possuem dificuldades, assim revendo suas práticas e procurando ver onde é que se encontra o erro e o que pode ser feito para reverter a situação.

2. CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO SEGUNDO OS PROFESSORES

A presente pesquisa esta amparada na abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professores que atuam na 5^o série do ensino fundamental, de uma escola pública localizada no Município de Juara. Tendo como foco de investigação a concepção e prática do professor em relação ao processo avaliativo. As contribuições dos educadores foram conseguidas por meio de um questionário com cinco questões abertas.

Iniciamos os questionamentos aos docentes pedindo a eles para que conceituassem avaliação. De acordo com as respostas obtidas, percebemos que os docentes apresentaram diferentes conceitos sobre a temática em questão.

Dentre os quatros professores entrevistados podemos observar que a maioria, ou seja, três professores consideram a avaliação como parte constitutiva do processo da aprendizagem. Afirmando que a mesma é responsável pelo norteamento das ações pedagógicas, na medida em que se indica, tanto á professora quanto aos alunos, quais avanços foram realizados e que dificuldades necessitam ser superadas.

De acordo com Luckesi (2005, p.36):

A avaliação deve constituir oportunidade real de demonstrar o que os sujeitos sabem e como sabem. Somente assim, o professor poderá detectar a consistência do saber adquirido e o modo sobre o qual vai construindo seu conhecimento. Quando este se manifesta o professor poderá intervir, seja para orientá-lo, seja para estimulá-lo ou assegurá-lo, seja para corrigi-lo e valorizá-lo.

Em outras palavras, a avaliação escolar é um componente do processo de ensino que visa através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, analisar se os objetivos foram ou não alcançados.

De acordo com a fala do professor B, “através da prova conseguimos detectar se conseguiram aprender o que foi trabalhado durante o bimestre”. Ou seja, de acordo com a afirmativa do professor B da a entender, que para este o

o aluno tem de tirar notas boas nas provas, assim demonstrará que conseguiu assimilar o que lhe foi ensinado.

O segundo questionamento realizado foi a respeito de como acontece o processo avaliativo em sala de aula.

De acordo com a fala do professor C, “a avaliação tem de ser contínua e acontecer durante todo o processo de aprendizagem, para o constante planejar e replanejar as situações de interferência. Todas as atividades desenvolvidas deverão ser alvo de observação, não havendo necessidade de momentos formais para tal”.

A partir deste pressuposto, Luckesi (2005) sugere que a avaliação seja diagnóstica, ou seja, os dados coletados deverão ser analisados criteriosamente não com o objetivo de aprovar ou reprovar os alunos, mas para os(as) professores(as) reverem o desenvolvimento do aluno, dando oportunidade para que ele avance no processo de construção do conhecimento.

Neste tipo de avaliação, a participação dos educandos é peça fundamental, pois juntos aos professores poderão entender/compreender a situação da aprendizagem que, por sua vez, está atrelada ao ensino. Assim, a avaliação será colocada em prática com aqueles que tiverem a oportunidade de freqüentar, participar e interagir com o processo de construção do conhecimento na sala de aula.

Ao contrário do professor C, o professor B afirma que “as notas são obtidas através de uma prova bimestral, caso não alcancem a média há uma prova de “recuperação”, para que possa atingir a média determinada”. Ou seja, apesar de alguns usarem métodos diferenciados, verificamos que ainda há aqueles que ficam presos as provas. Na fala do professor B fica evidente a idéia de que estudamos para tirar nota e passar de ano e não para aprender. Ainda estamos arraigados a essa visão tradicional da avaliação.

Diante destas constatações Luckesi afirma que:

[...] Durante o ano letivo, as notas vão sendo observadas, médias vão sendo obtidas. O que predomina é a nota: não importa como elas são obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem (LUCKESI, 2005, p.18).

De acordo com as contribuições de Freire (1987,p.94),o autor nos sugere que “o processo avaliativo deve ser compartilhado”, nos leva a entender que o

ato de se conhecer é um ato dialógico, e avaliação da aprendizagem nada mais é que um aspecto dinâmico, coletivo e compartilhado entre os sujeitos, sendo estes professores e alunos. Portanto, podemos concluir que a avaliação da aprendizagem é um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo. Através desta o educando utilizará dela positivamente para construção de seu conhecimento e o educador poderá rever sua prática.

Mas para que isso ocorra, primeiramente vem o processo de diagnosticar, que constitui-se em constatar o nível de aprendizagem em que o aluno se encontra, ou seja, seu “ponto de partida”, e os avanços que vai alcançando no decorrer do ano.

Segundo Hoffmam (2001, p. 82):

A avaliação diagnóstica ajuda o aluno a crescer e a se desenvolver tanto cognitivamente quanto emocionalmente, auxilia a formação de um cidadão reflexivo, autônomo, crítico, capaz de viver e conviver, participando e interagindo num mundo em permanente mudança e evolução.

Em síntese, avaliação diagnóstica implica em estar disponível para acolher nossos educandos no estado em que estejam, para, a partir daí, poder auxiliá-los o melhor caminho para sua trajetória de vida.

Nesse contexto, a avaliação da aprendizagem escolar não implica aprovação ou reprovação do educando, mas sim orientação permanente para o seu desenvolvimento.

Outro questionamento realizado aos professores foi em relação ao que fazem com os resultados das avaliações. De acordo com o professor A “através desta além de diagnosticarem o progresso e as dificuldades em que seus alunos se encontram, também poderá rever seus conceitos e ir em busca de novas metodologias”.

Três dos professores entrevistados sendo estes o professor A,C e D utilizam-se da avaliação como fonte de crescimento, procurando rever sua prática. Na realidade os dados coletados através dos instrumentos avaliativos devem retratar o estado de aprendizagem em que o educando se encontra. Isto feito importa saber se este estado é satisfatório ou não. Precisamos compreender que avaliação é apenas um diagnóstico para sabermos quais são as dificuldades dos nossos alunos, portanto temos de fazer uso desta para então relampejarmos nossas aulas.

O professor B afirma “junto o resultado da avaliação com a apresentação dos trabalhos em equipe, então divido por dois, então estabeleço a média bimestral”.

No entanto percebe-se que avaliação para este é primordial, o mesmo não leva em consideração o percurso que o aluno teve durante o bimestre, apenas a avaliação é suficiente para determinar seu nível de aprendizagem.O

aluno pode simplesmente estudar para a prova e decorar, se tirar uma nota alta quer dizer que teve uma aprendizagem significativa.

Em seguida perguntei quais os instrumentos avaliativos que utilizam com frequência. Ou seja, quais são os critérios que eles utilizam para avaliar o aluno, comportamento, trabalho em equipe, individual, participação, desenvolvimento do aluno na sala, ou a apenas a avaliação bimestral. Os professores B e D afirmaram utilizar-se da avaliação com frequência para assim verificar o que o aluno conseguiu assimilar durante o bimestre, ou seja, atribuem notas, classificam-os. Ainda que o professor B afirme “considero todo o seu desenvolvimento no decorrer do bimestre” compreendemos que o instrumento prova tem sido muitas vezes o único método para avaliar os alunos. Nesse sentido, a avaliação não tem sido processual e tão pouco diagnóstica.

De acordo com Perrenoud (1999, p.37)

Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, mas que tenha caráter diagnóstico.

Os professores A e C afirmam também fazer uso da avaliação, mas não com a intenção de atribuir notas, embora tenham que dar alguma nota em seus boletins ao final do bimestre, pois faz parte do regulamento da escola. Segundo os professores os alunos são avaliados no dia-a-dia, através de trabalhos em grupos, participação, desenvolvimento das atividades em sala, dessa forma conseguem diagnosticar se o aluno atingir os objetivos propostos.

De acordo com Perrenoud (1999, p.39),

O professor, que trabalha numa dinâmica interativa, tem noção, ao longo de todo o ano, da participação e produtividade de cada aluno. É preciso deixar claro que a prova é somente uma formalidade do sistema escolar. Como, em geral, a avaliação formal é datada e é obrigatória.

Com a intenção de enriquecer o nosso estudo finalizamos a entrevista perguntando aos professores se eles levam em consideração todo o processo ensino-aprendizagem. Em relação a este questionamento todos afirmaram que levam em consideração todo o processo e que avaliam constantemente, ou seja, a todo momento. Segundo Hoffman (2006), o processo avaliativo não se limita apenas á provas similares, ela destaca que esse processo deve ser contínuo e permanente, ou seja, a todo momento como os docentes citaram.

Segundo Luckesi (2005, p.63),

A avaliação é vista como acompanhamento da aprendizagem contínua, é uma espécie de mapeamento que vai identificando seu progresso e suas dificuldades. Dessa forma apresenta um caráter processual, onde ao invés de estar a serviço da nota, a avaliação passa a contribuir com a função básica da escola, que é promover o acesso ao conhecimento, e para o professor,

transforma-se num recurso precioso de diagnóstico, portanto eles levam em consideração todo o caminho percorrido ao longo do ano letivo.

Contudo com base na contribuição dos professores, observamos que a maioria dos professores ainda utilizam o método tradicional “provas”, alguns utilizam-se da mesma como instrumento de verificação, para assim analisarem se os objetivos propostos foram alcançados ao término de cada bimestre e conseqüentemente ao final do ano letivo.

Minhas observações foram desenvolvidas durante o período de quatro dias, observei duas aulas de cada professor, onde os mesmos lecionavam as seguintes disciplinas: português, ciências, história, matemática.

Ao desenvolver minha observação quanto a prática do professor em sala de aula, pude perceber que embora os professores tenham opiniões diferentes, estes possuem a mesma rotina em sala de aula, explicam o conteúdo, passam uma atividade a respeito do conteúdo que foi trabalhado, em seguida realizam

a correção dos exercícios propostos em sala, procurando esclarecer as dúvidas que restaram.

Pude observar que houve contradição nas falas dos professores B e D, não foram objetivos em suas respostas, deu a entender que eles mesmo se contradiziam. Embora o professor D tenha deixado bem claro que apesar de aplicar prova todos os bimestres, caso o aluno não atinja a média, procura atribuir-lhe uma nota de acordo com seu desenvolvimento em sala, pois ao final do bimestre querendo ou não tem de atribuir uma nota aos mesmos.

Através desta observação percebemos que existem momentos em que os professores proporcionam meios para que os alunos evidenciem seus próprios erros, procurando corrigi-los, ou seja, estão atuando como mediadores entre o sujeito e o conhecimento, ele não dá resposta pronta, instiga a curiosidade dos alunos, proporcionando meios para se chegar a um resultado satisfatório.

Diante desses pressupostos Hoffmam (2006), faz apontamentos sobre a importância da avaliação contínua, onde através desta nos permite identificar as conquistas e os problemas dos alunos, auxiliando a escola a exercer sua função básica, que é ensinar e aprender promovendo o acesso ao conhecimento, transformando-se num recurso de diagnóstico para o professor.

Dessa maneira, a avaliação precisa adequar-se à natureza da aprendizagem, não pode levar em conta somente o produto (resultado das tarefas), mas principalmente o processo (o que ocorre no caminho).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pude perceber que alguns assumem uma postura construtivista justificando que objetiva a construção do conhecimento por seus alunos; esse

professor mantém coerência entre aquilo que concebe teoricamente para seu trabalho e, de fato, possui uma prática diferenciada frente à adotada por outros professores.

Diante desses pressupostos Macedo (1994, p.49), afirma que:

“A posição construtivista é a que mais contribui para a construção do conhecimento da criança, direcionando-nos para uma posição que considera o erro como invenção e descoberta, como elemento inevitável e necessário no processo de construção do conhecimento”.

Muitas vezes os professores se consideram adepto à teoria construtivistas, porém sua prática constitui essencialmente tradicional, ao aplicarem exames apenas como meio de classifica-los, até mesmo ao penalizá-los quanto os erros cometidos. Dessa forma fica clara a situação de contradição na qual esses professores se encontram. Os professores manifestam necessidade de informações e orientações para a realização do ensino de acordo com a proposta construtivista. Onde é o aluno quem constrói seu próprio conhecimento, contando com a ajuda do educador, este é responsável em mediar, ou seja, possibilitar meios propícios para que o aluno alcance os objetivos propostos.

Os professores vêm a incoerência em seus trabalhos como sendo fruto de falta de informação, sabem da necessidade de aprofundamento teórico, da necessidade de estar preparados para enfrentar desafios que os qualifiquem enquanto professores alfabetizadores.

Deve-se salientar, entretanto, que o método tradicional ainda constitui o instrumento utilizado pelos educadores em sala de aula, vindo a dificultar a aplicação da teoria construtivista no que tange o erro.

Ao pesquisar sobre a avaliação da aprendizagem escolar conclui que, esse viés decorre, principalmente, das falhas existentes nos cursos na qual esses profissionais se formaram. Por não enfocarem a importância da avaliação, de maneira a exibir sua coerência quanto às teorias e a aplicação das mesmas, acabam por ocultar aos professores as informações necessárias para a sua prática.

As diferenças entre as teorias e as práticas expressam um aspecto de grande relevância aos problemas relacionados a avaliação escolar. Repensar a prática, considerando o papel da escola em nossa sociedade, deve representar uma preocupação efetiva para os profissionais da educação. Assim, torna-se clara a necessidade de pensarmos a respeito do curso de formação de professores e a importância da formação continuada dos mesmos.

Porém há professores, que apesar da falta de informação, esforça-se para enriquecer seu trabalho trocando experiências com outros professores e adotando uma postura de investigador. Essa postura ajuda o professor a enxergar melhor as questões educacionais embora não seja suficiente para mudar toda uma situação solidificada pelo tempo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio G. (coord.) ***Erro e fracasso escolar: alternativas teóricas e práticas***. São Paulo: Summus, 1997.

BALLESTER, Margarita. ***Avaliação como apoio a aprendizagem***. 8º ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BARLOW, Michel. ***Avaliação escolar: mitos e realidades***. Porto Alegre: Artmed, 2006

BLOOM, B. S., HASTINGS, J.T., MADAUS, G.F. A evolução da aprendizagem. Buenos Aires: Troquel, 1975.

BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. ***Políticas e práticas***. Campinas: Papyrus, 2002.

DAVIS, C. L. F. ***Papel e função do erro na avaliação escolar***. São Paulo, 1990.

DEMO, Pedro. ***Mitologias da avaliação: Como ignorar, em vez de enfrentar problemas***. 2º ed. Campinas: editores associados, 2002.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática***

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HAYDT, R. C. ***Avaliação do processo ensino-aprendizagem***. São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMAN, Jussara. ***Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré- escola á universidade***. 20º Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____ ***Avaliar para promover – as setas do caminho***.
Porto Alegre:

Mediação, 2001.

_____ ***Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista***. 37º ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

KAMII, Constance D. R. ***Jogos em grupo na educação infantil. In: Implicações da teoria de Piaget***. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991

LIBÂNEO, José Carlos. ***Adeus professor, Adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente***. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 16^o ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACEDO, Lino. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MIRAS, M. SOLÉ, I. **A evolução da aprendizagem e a evolução do processo de ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999

VASCONCELOS, C.dos S. **Plano de ensino – Aprendizagem**. Convívio, nº. 1,

fev., 1996.

APÊNDICE